

## REPENSANDO O LEGADO TEÓRICO DE EDITH STEIN: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE SUAS FONTES

*RETHINKING THE THEORETICAL LEGACY OF EDITH STEIN:  
SOME REFLECTIONS ON HER SOURCES<sup>1</sup>*

Francesco Alfieri<sup>2</sup>

### RESUMO

Os 80 anos da morte de Edith Stein nos convidam a repensar aspectos fundamentais de sua vida e obra, profundamente entrelaçadas. Nesse sentido, o roteiro de *A Rose in Winter (Uma rosa no inverno)*, último filme sobre a filósofa, dirigido por Joshua Sinclair, pode muito bem ser usado como guia, por manifestar o evidente esforço do diretor de transmitir o espírito da pensadora em todas as circunstâncias do modo o mais genuíno possível. A honestidade e a competência de Sinclair destacam um fator crucial: a importância da análise meticulosa e da adequada leitura das fontes bibliográficas — o único modo de reconstituir autenticamente um percurso histórico ou conceitual, bem como de proceder a investigações que se mantenham fiéis ao legado de todo pensador. Nessa direção, este artigo procurará confrontar algumas interpretações conceituais e certos posicionamentos históricos relacionados a Edith Stein que denotam o quão significativo é promover estudos que não só retomem as fontes originais em seu contexto, procurando apreender delas seu sentido próprio, como também busquem continuamente

---

<sup>1</sup> Título original: *Ripensare il lascito teoretico di Edith Stein: alcune riflessioni a partire dalle sue "fonti"*. Tradução de Clío Tricarico — Doutorado em Filosofia pela Unifesp. As citações extraídas de fontes bibliográficas redigidas em alemão foram transcritas para o original em italiano a partir de tradução livre do autor.

<sup>2</sup> Doutorado em Filosofia pela Pontificia Università Lateranense (Cidade do Vaticano). Professor de Fenomenologia (com estudos voltados, especialmente, ao pensamento de Martin Heidegger) na Università Vita-Salute San Raffaele di Milano. *E-mail*: frafrancescoalfieriofm@yahoo.it.

novas fontes legítimas, examinando escrupulosamente o seu conteúdo. Como exemplo, apresentamos aqui os resultados a que chegamos a partir da análise de alguns manuscritos. Somente desse modo é possível alcançar a complexidade do pensamento de Edith Stein e compreender a verdadeira dimensão de sua contribuição à Fenomenologia.

Palavras-chave: Edith Stein. Martin Heidegger. Conrad-Martius. Fenomenologia.

## ABSTRACT

The 80th anniversary of Edith Stein's death invites us to rethink fundamental aspects of her life and work, which are deeply intertwined. To that end, the screenplay of *A Rose in Winter*, the latest movie about the philosopher, directed by Joshua Sinclair, can very well be used as guide, since at all times it makes a clear effort to convey the spirit of the thinker as authentically as possible. Sinclair's truthfulness and skill point out a critical factor: the importance of a meticulous analysis and appropriate reading of bibliographic sources — the only way to authentically rebuild a historical or conceptual journey and to perform research that is faithful to the legacy of every thinker. In this sense, this paper will seek to compare certain conceptual interpretations and historical stances linked to Edith Stein that indicate how significant it is to foster studies that not only resume original sources within their context, while trying to apprehend their very meaning, but also continuously search for new legitimate sources and scrupulously examine their content. As an example, we present our findings from the analysis of some manuscripts. This is the only way to realize the complexity of Edith Stein's ideas and to understand the true dimension of her contribution to Phenomenology.

Keywords: Edith Stein. Martin Heidegger. Conrad-Martius. Phenomenology.

## INTRODUÇÃO

É com grande satisfação que, acolhendo o convite para participar desta edição especial da Revista Filosófica São Boaventura, proponho-me a fazer algumas reflexões relacionadas à vida e à obra de Edith Stein. Inicialmente, gostaria de apresentar algumas diretrizes que me orientaram na redação e na organização do livro recentemente publicado, *Edith Stein: uma rosa d'inverno* (*Edith Stein: uma rosa de inverno*) (SINCLAIR, 2019). Repensar o legado teórico de Edith Stein a partir de suas obras deve ser a condição necessária sobre a qual se sustenta a pesquisa de todo aquele que se incumbe de tal tarefa. Foi com esse espírito que o diretor Joshua Sinclair produziu o roteiro do filme *A Rose in Winter*. Em primeiro lugar, foi preciso assentar algumas pedras angulares do percurso intelectual de Stein no contexto histórico-crítico em que se desenvolveram — algumas delas serão apresentadas na seção 1 deste escrito. Esse trabalho remete ao exame meticuloso das fontes, o qual contribui, por exemplo, para a recontextualização do vínculo intelectual que une Edith Stein a outros discípulos de Edmund Husserl. Ao desvelar novos aspectos, essas análises podem identificar determinados equívocos de caráter histórico ou conceitual, como os apresentados aqui na seção 2, esclarecidos com base na averiguação do conteúdo de duas cartas envolvendo Martin Heidegger e Hedwig Conrad-Martius. A compreensão das fontes em sua complexidade permite também que nos reapropriemos da *real* contribuição que Stein deu à fenomenologia iniciada por Husserl, tarefa que foi e continua sendo levada a cabo por diversos autores. Dentre esses autores, gostaria de destacar particularmente três que recentemente terminaram seu caminho terreno, o que consistiu numa grande perda para o âmbito intelectual. A eles dedico este meu trabalho: Ir. Maria Amata Neyer († 02 mar. 2019), Hermann Heidegger († 13 jan. 2020) e François Fédier († 27 abr. 2021).

### 1 UM NOVO FILME PARA RECONSTRUIR O ITINERÁRIO FILOSÓFICO-EXISTENCIAL DE EDITH STEIN A PARTIR DE SUAS OBRAS

Joshua Sinclair tomou a decisão de fazer um filme sobre Edith Stein após uma conversa telefônica com seu amigo John Debney — compositor da trilha sonora de *A Paixão de Cristo*, filme dirigido por Mel Gibson. Esse filme sangrento impressionou muito Sinclair, em particular, em razão de o martírio se sobrepôr a própria humanidade de Jesus. Essa relação entre martírio e humanidade remeteu

Sinclair imediatamente a Edith Stein, por quem o diretor sempre nutriu uma profunda admiração. Sentiu-se incitado, então, a fazer um novo filme sobre a filósofa judia-cristã, no qual sua humanidade e seu carisma se destacassem, tomando como base precisamente seus escritos. Com efeito, o filme feito sobre Edith Stein por Márta Mészáros em 1994, intitulado *A sétima morada*, embora seja interessante pela lógica simbólica que perpassa todo o enredo, *não consegue* trazer completamente à tona a humanidade e a luta interior da protagonista que, antes de ser canonizada em 1998 pelo Papa João Paulo II, teve de lidar com diversos dramas existenciais.

A intenção de Sinclair no projeto do novo filme sobre Edith Stein foi, portanto, reconstruir seu itinerário humano exclusivamente com base em seus escritos, contando, para tal, com a contínua colaboração do Carmelo de Colônia e da sobrinha de Stein, Susanne M. Batzdorff-Biberstein. A produção do filme<sup>3</sup> foi anunciada no VII Convegno Internazionale, em 18 de março de 2013 na Università degli Studi di Bari, com o tema *Note a margine della pubblicazione Die Rezeption Edith Steins (1942-2012)* (*Notas à margem da publicação Die Rezeption Edith Steins (1942-2012)*)<sup>4</sup>; no entanto, o longa-metragem só pôde ser filmado em Budapeste, de abril a julho de 2017.

Para criar o roteiro, Sinclair considerou apropriado analisar todos os escritos de Stein, motivo pelo qual começamos a manter uma intensa correspondência; pude, assim, apresentar-lhe vários aspectos da vida da filósofa, reunidos durante meus períodos de estudo no Arquivo Edith Stein em Colônia. Ainda me lembro de como a saudosa filósofa polonesa Anna-Teresa Tymieniecka estava entusiasmada com esse projeto cinematográfico. Em janeiro de 2014, quando fui convidado a realizar determinadas pesquisas em seu arquivo em Vermont, mostrei-lhe algumas partes do roteiro, e ela imediatamente comentou animada: “Neste filme podemos finalmente ver a humanidade dessa grande mulher; nele o percurso de Stein é tão bem delineado que encoraja qualquer pessoa a fazer também um caminho cristão!” Tymieniecka sempre se sentiu atraída pela figura de Edith Stein e acreditava que seus escritos eram o ponto de partida para a compreensão da fenomenologia de Edmund Husserl e da relação de seus discípulos com o mestre.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Veja-se de Sinclair, L’*“empatia” nella produzione di un mio nuovo film su Edith Stein* (2014).

<sup>4</sup> O congresso foi organizado por ocasião do lançamento da obra *Die Rezeption Edith Steins: Internationale Edith-Stein-Bibliographie 1942-2012* (*A recepção de Edith Stein: bibliografia internacional de Edith Stein 1942-2012*) (ALFIERI, 2012).

<sup>5</sup> Tymieniecka tinha planos de publicar na *Analecta Husserliana* (coleção criada por ela mesma) a correspondência entre Edith Stein e Roman Ingarden, projeto que mais tarde fracassou em razão de alguns mal-entendidos sobre os direitos de publicação de Stanislaw Ingarden, filho de Roman Ingarden. Permito-me remeter aqui ao trabalho em que realizei essas análises: *Gli inediti su Edith Stein aprono un nuovo orizzonte di ricerca: una ricognizione dei carteggi privati di H. Conrad-Martius, H.-L. Van Breda e A.-T. Tymieniecka* (ALFIERI, 2014, p. 431-427).

O itinerário de Stein tem início com sua família, com quem compartilhava vivamente o pertencimento ao judaísmo. É nessa atmosfera que a pequena Edith começa a se colocar questões, tais como “quem seria aquele Deus do povo eleito” dentre tantas outras; o crescente surgimento de dúvidas e questionamentos fez com que Stein chegasse ao ponto de considerar difícil ir regularmente à Sinagoga, da qual todos os seus familiares eram assíduos frequentadores. Tenacidade e caráter rebelde são os traços distintivos da menina: todas as suas ações, bem como algumas decisões em sua trajetória escolar já dão indícios de sua força de espírito e sua personalidade obstinada. Será precisamente a sua índole que a levará mais tarde a escrever uma carta ao Papa Pio XI, solicitando que a Igreja se posicionasse contra a política de Hitler, porque percebia a iminência das primeiras perseguições contra o povo judeu. Trata-se de um posicionamento muito claro em que se mostra a honestidade intelectual de uma mulher que intuía como a ascensão de Hitler conduziria a Alemanha ao colapso e, com ela, não apenas o povo judeu, mas também o povo alemão. Que atitude corajosa escrever a Pio XI, pedindo-lhe que publicasse uma encíclica contra o antissemitismo!

Seu primeiro encontro com o fundador da fenomenologia, Edmund Husserl, em Gotinga, em 1913, foi marcado pela determinação de Edith Stein. Husserl ficou muito admirado pelo fato de Stein já conhecer os dois volumes das *Investigações lógicas* — os livros lhe chegaram às mãos durante seus estudos na Breslavia. A forte impressão que Stein lhe causou com o conhecimento de seus escritos fez com que Husserl a escolhesse como sua assistente, por ocasião de sua transferência para a Universidade de Friburgo. Em 1915, entretanto, Stein interrompeu seus estudos e trabalhou durante seis meses para a Cruz Vermelha; seu compromisso como enfermeira nesse período é a prova do seu patriotismo e do forte sentimento de responsabilidade política e social para com a Alemanha. É nesse contexto que Sinclair insere o encontro de Stein com Hans Lipps, por quem ela sentia uma grande afeição. O diretor foi muito habilidoso ao trazer à tona esse sentimento tão intenso de Stein, que permaneceu mesmo após a sua decisão de ingressar no Carmelo de Colônia. Nesse sentido, o testemunho de Hedwig Conrad-Martius sobre sua colega e amiga Edith Stein indica claramente que sua transição para o cristianismo e seu sentimento por Hans Lipps são vividos plenamente, sem impedir que ela tome a decisão que a tornará freira carmelita no futuro (ALFIERI, 2014, p. 419-427).

Pesquisador consciencioso, Sinclair mostra ter não apenas aprofundado seus conhecimentos sobre os escritos de Stein, como também estendido suas leituras às obras de Hedwig Conrad-Martius e de outros expoentes do Círculo Fenomenológico de

Gotinga e Friburgo. Desse modo, no roteiro são retratados fielmente a humanidade de Stein e seus conflitos interiores, aspectos indispensáveis para se compreender as escolhas que ela teve de fazer. Tudo se desenrola em sua busca incessante pela Verdade, no decorrer da qual as relações interpessoais a ajudam a tomar decisões cada vez mais conscientes.

Sempre que se fala ou se escreve sobre Stein, a primeira ideia que surge é a *empatia*, uma vivência que deve ser verdadeiramente “atravessada”, ou seja, experienciada em todas as dimensões da pessoa humana de modo autêntico, para construir relações qualitativas. Cuidar do outro é também um tema que aparece bastante no filme: transparece ao espectador nos próprios diálogos a forte sensibilidade pelo outro, a pessoa a ser cuidada. Emerge aqui um traço distintivo de Sinclair: sua colaboração com a Madre Teresa de Calcutá, de 1978 a 1979 e de 1990 a 1992, fez com que essa sua experiência se infundisse na construção dos diálogos: o outro se manifesta livremente, sentindo-se sempre acolhido por seu interlocutor. Esse caráter peculiar de Sinclair se sobressai na redação do roteiro e ainda mais nas relações cotidianas. O outro é e permanece no centro de suas atenções e cuidados. Em um contexto como o nosso atual, no qual tudo é mercantilizado, e os relacionamentos se tornam muitas vezes um instrumento funcional, Sinclair nos remete ao sentido autêntico das relações empáticas, e de qual é a responsabilidade pessoal ao vivenciar essas relações em profundidade. O equilíbrio que o leitor encontrará nos diálogos é fruto de um longo percurso de formação em que o outro já se mostra como uma antecipação da *Alteridade* tão exaustivamente buscada por Stein. Nesse sentido, Sinclair conseguiu introduzir em seu roteiro a pedagogia sempre presente nos escritos steinianos.

Os anos de estudo na Breslávia, o compromisso como enfermeira na Cruz Vermelha, a assistência a Husserl em Friburgo, a conversão ao catolicismo e a entrada no Carmelo de Colônia revelam o caráter da mulher que soube situar-se no mundo, valendo-se da própria humanidade. Stein não era apenas judia; sentia sobretudo seu pertencimento ao povo alemão. Sempre foi grata à Alemanha pela possibilidade de acesso aos estudos universitários e, conseqüentemente, ao vasto patrimônio cultural.

Nas conversas que tive com a falecida Irmã Maria Amata Neyer, fundadora do atual Arquivo Edith Stein em Colônia, ela frequentemente recordava que Stein transferiu-se do Carmelo de Colônia para o Carmelo de Echt na Holanda, por sentir que sua presença em Colônia poderia ser uma ameaça para as outras freiras. Em todos os seus relacionamentos, o outro sempre era colocado em primeiro lugar. A fuga para a Holanda não foi, portanto, uma decisão de Stein com o objetivo de salvar a si mesma, mas uma escolha consciente para evitar que suas irmãs em Colônia fossem colocadas em

perigo, visto que, na Alemanha, sua descendência judaica significava uma ameaça para todas elas. Há um detalhe aqui que merece ser examinado em profundidade. Stein não abandona a Alemanha: sente-se parte do povo alemão, tinha orgulho de ser prussiana e, mesmo com a perseguição ao povo judeu tornando-se cada vez mais premente, decidiu firmemente não abandonar a Alemanha e seu povo; é nesse sentido, portanto, que sua escolha de compartilhar a deportação com seu povo deve ser interpretada. Quando a Gestapo invadiu o Carmelo de Echt, Stein e sua irmã Rosa decidiram render-se livremente, uma vez que a política de Hitler não se restringia apenas a deportações de judeus, mas voltava-se também contra aqueles que haviam se convertido ao cristianismo. Essa escolha inclusive denota que Stein já havia previsto que uma situação semelhante ocorreria mais cedo ou mais tarde. O Carmelo, portanto, não foi o lugar onde Stein se retirou para escapar da deportação, mas sim onde teve início o longo itinerário que terminou no campo de concentração de Auschwitz em 9 de agosto de 1942. Em sua escolha de se entregar à Gestapo, Stein foi solidária com o povo judeu e com o povo alemão. Sinclair reconstitui com maestria a livre escolha de Stein: ao ler o roteiro, damo-nos conta da firmeza e da ponderação de uma mulher que era capaz de passar pelas situações mais adversas, mantendo um controle, às vezes, quase glacial — com efeito, a força e a serenidade de um espírito que alcançaria a santidade.

Sua canonização possivelmente contribuiu para que seus escritos despertassem ainda mais interesse no meio católico, o que propiciou maior disseminação de seu pensamento nesse âmbito. No entanto, a Irmã Amata sempre relembra: “o legado teórico de Stein ainda é pouco conhecido graças às suas obras terem sido predominantemente difundidas nos círculos católicos, o que determinou a preferência pelo estudo de seus escritos espirituais e pedagógicos; por essa razão, suas obras filosóficas ainda são pouco conhecidas”. Não podemos deixar de reconhecer que a Irmã Amata entreviu o grande risco que corre a pesquisa do pensamento steiniano. Muitas vezes, o legado teórico da filósofa foi sacrificado, preferindo-se abordar suas obras a partir de textos mais viáveis para a divulgação. O alerta da Irmã Amata nos incita a enfrentar o desafio de superar essa tendência, sobretudo no âmbito cultural hodierno em que os modismos filosóficos e o predomínio de certas filosofias *refêns* da política operam uma erradicação sistemática do pensamento.

Estou fortemente convencido — e quero expressá-lo francamente aqui — de que o legado teórico de Stein foi por muito tempo restrito a leituras pseudocatólicas e a interpretações que mergulharam seu pensamento em uma antropologia frágil. Esse desvio do pensamento steiniano — percebido na Itália e repercutido no Brasil

— acaba por dificultar o acesso à complexidade do legado teórico da filósofa que tanto contribuiu para o desenvolvimento da fenomenologia nascente iniciada por seu mestre. Isso é confirmado pelas palavras de Thomas Vongehr dos Arquivos Husserl de Lovaina ao indicar o árduo caminho a ser percorrido:

Não há ainda hoje uma descrição detalhada dos projetos de trabalho concretos aos quais Stein se dedicou durante os anos em que foi assistente [de Husserl]. Esse é um trabalho que a pesquisa sobre Stein e Husserl ainda precisa desenvolver — desejo fortemente manifestado por Imhof já em 1987 [...]. Para tanto, deve-se considerar detalhadamente não só a obra publicada na *Husserliana*, mas também todo o legado inédito de Husserl em busca dos indícios deixados por Stein. Somente assim o imenso trabalho de Stein pode ser verdadeiramente avaliado e valorizado (VONGEHR, 2008, p. 273, nota 4).

Analisar o legado teórico de Stein a partir de suas obras é uma tarefa difícil, pois requer o estudo acurado não apenas da fenomenologia como também de determinados pensadores da filosofia desde a antiguidade, sem mencionar suas demais áreas de investigação. Na verdade, isso não se restringe ao pensamento steiniano; somente com uma fundamentação consistente no âmbito filosófico a fenomenologia pode ser entendida em profundidade, bem como suas ramificações, desenvolvidas com as contribuições dos discípulos de Edmund Husserl. Particularmente no que diz respeito ao Brasil, gostaria de expressar vivamente meus aplausos ao trabalho realizado pelo meu colega Juvenal Savian Filho que, por meio da atividade conjunta com outros estudiosos, empreendeu a publicação das obras de Edith Stein em português pela Editora Paulus. Os conhecimentos da Filosofia Medieval e da fenomenologia husserliana de Juvenal Savian Filho<sup>6</sup>, como também de Ursula Anne Matthias<sup>7</sup>, a compreensão da Filosofia Antiga e nada fácil no campo heideggeriano de Gilfranco Lucena dos Santos<sup>8</sup>, bem

---

<sup>6</sup> Cf. algumas das publicações do autor que contribuem para uma melhor compreensão da jornada intelectual de Edith Stein: *O toque do Inefável* (2000), *Sentido e possibilidade de uma filosofia cristã segundo Edith Stein* (2003), *Experiência mística e filosofia em Edith Stein* (2011), *A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária* (2016) e *De que falamos quando falamos de alma? Fundamentos da descrição da vida psíquica, por Edith Stein* (2019).

<sup>7</sup> Veja-se, por exemplo, *A importância de De ente et essentia para Ser finito e ser eterno de Edith Stein* (2019) e *Freiheit und Gnade in der Religionsphilosophie Edith Steins* (2020).

<sup>8</sup> Veja-se, por exemplo, *Edith Stein e Martin Heidegger: aspectos de uma confrontação metafísica* (2014) e *Tempo ético e tempo histórico: a apropriação heideggeriana do Kairós como Augenblick* (2012).

como o rigoroso estudo de Clio Tricarico sobre as obras de Hedwig Conrad-Martius<sup>9</sup> — para citar apenas alguns estudiosos — contribuem para que as pesquisas steinianas no Brasil se desenvolvam com o devido rigor, ao considerar em suas análises as chaves hermenêuticas que auxiliam a *repensar* o legado teórico de Edith Stein.

Já na Itália, Luisa Avitabile é digna de reconhecimento por ter examinado a estrutura jurídica dos escritos de Stein, considerando o significado de *persona*; o fruto de tal análise consiste em descobrir que a relação é o que há de mais verdadeiro no sentido da hermenêutica do direito (cf. AVITABILE, 2006, 2007, 2012 e 2016). A intersubjetividade é, assim, totalmente inserida na fenomenologia do direito, na qual a pessoa é significativamente a espinha dorsal do viver concreto em comunidade. Essas novas pesquisas são um auxílio valioso, pois restituem à pessoa — por meio dos escritos steinianos — a sua centralidade, sobretudo na perspectiva jurídica do Estado. Com essas investigações não se corre o risco de cair no puro formalismo, em que as relações empáticas são restritas a vivências de caráter particular, meramente descritivas, mas envolvem a comunidade e a determinam. Conceitos como *empatia*, *vida ética* e *antropologia dual* precisam ser considerados nos mesmos termos do caminho investigativo percorrido por Stein. Permitindo-me ser um pouco mais explícito, tomo como exemplo uma publicação recente de Nicoletta Ghigi, intitulada *L'etica fenomenologica di Edith Stein: dalla vita emotiva all'individuo comunitario (A ética fenomenológica de Edith Stein: da vida emotiva ao indivíduo comunitário)* (2021). Essa obra é apresentada pela autora como o primeiro estudo sistemático sobre a ética fenomenológica de Edith Stein; mas, ao se observar o percurso traçado pela autora e as fontes por ela utilizadas, percebe-se que esse itinerário de pesquisa não está adequadamente fundamentado. Como bem argumenta Luisa Avitabile em suas pesquisas, a *fundação ética* exige uma *garantia jurídica* que examine a diferença entre legalidade e direito, uma vez que sem a instituição do direito do modo como explanado por Stein em *Eine Untersuchung über den Staat (Uma investigação sobre o Estado)* (2006c), o dever dependeria do livre-arbítrio do outro. Uma vez instituído, apenas o direito liberta o sujeito do livre-arbítrio alheio: por meio da pretensão jurídica, garante-se que o outro não seja um sujeito imprevisível, mas tutelado pelo direito instituído em sua

---

<sup>9</sup> Permito-me lembrar o trabalho realizado por Clio Tricarico na sua tese de doutorado, defendida em 2019, a qual espero que seja publicada o mais brevemente possível: *A identidade pessoal sob as perspectivas fenomenológicas de Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius: um estudo sobre a essência singular do indivíduo humano* (2019). Veja-se também, da mesma autora, *Die menschliche Seele in der Sicht Edith Steins: ein Vergleich mit Hedwig Conrad-Martius' Begriff der Seele* (2017).

liberdade compartilhada na comunidade jurídica. Essa breve referência nos auxilia a entender que a estrutura antropológica steiniana tem raízes bem sólidas, fundadas no direito, sem nenhuma relação com interpretações pseudocristãs que, infelizmente, não conseguem alcançar a força e a complexidade do pensamento de Stein.

Em contrapartida, o método de trabalho que parte de um exame rigoroso das fontes, procurando considerá-las em seu contexto e em sentido próprio, é evidente no roteiro de Sinclair, no qual se mostra precisamente de que modo se constitui uma comunidade empática; com efeito, se o leitor se propuser a percorrer as páginas do roteiro desse filme, trilhando com elas um caminho pessoal, perceberá que é parte integrante dessa comunidade.

## 2 EDITH STEIN E MARTIN HEIDEGGER: SOMENTE A BUSCA PELA *VERDADE* NÃO SE ALIMENTA DE PRECONCEITOS

Outro aspecto a ser analisado aqui diz respeito ao vínculo que existia entre Edith Stein e Martin Heidegger. O que os unia era precisamente sua *contribuição intelectual*, enredada em um período muito difícil: a instauração do nacional-socialismo e seu inevitável declínio, cada vez mais inelutável por uma política cruel e insana.

Entre 1935 e 1937, Edith Stein escreveu sua obra mais importante, uma verdadeira obra-prima filosófica intitulada *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins (Ser finito e eterno: tentativa de uma ascensão ao sentido do ser)* (2006a), que a autora definiu como um “presente de despedida à Alemanha” (STEIN, 2006b, p. 324). Todavia, o importante a destacar aqui é o fato de que o manuscrito inclui dois apêndices, o primeiro dos quais é intitulado *Martin Heidegger: Existenzphilosophie (Martin Heidegger: filosofia da existência)*. O manuscrito foi confiado ao editor Borgmeyer da Breslândia, que o dividiu em dois volumes, o segundo dos quais continha o apêndice sobre Martin Heidegger. Em 1938, os rascunhos estavam prontos — uma cópia é mantida no Arquivo Edith Stein em Colônia —, mas infelizmente os trabalhos foram interrompidos em razão da situação política cada vez mais hostil em relação aos judeus, sobretudo após os eventos de 11 de novembro de 1938. Posteriormente, a obra foi publicada na década de 1950 sem os dois apêndices, os quais continuaram a não ser incluídos nas edições subsequentes (STEIN, 1950, 1962<sup>2</sup>, 1986<sup>3</sup>); somente com a publicação da nova edição na *Edith Stein Gesamtausgabe* (ESGA) (2006a) a obra foi editada em um único volume, considerando o projeto inicial que compreendia os dois apêndices (STEIN, 2006a, p. 445-499). Não é claro o verdadeiro

motivo que levou os primeiros editores à exclusão dos apêndices, mas esse é um detalhe de importância secundária; mais relevante aqui é deter-se na seguinte questão: teria Edith Stein inserido um apêndice sobre Martin Heidegger no final de *Endliches und ewiges Sein* se ela tivesse conhecimento do compromisso de Heidegger com o nacional-socialismo? Se a fenomenóloga soubesse de algo do tipo, teria mesmo assim estabelecido um diálogo no final desse trabalho com alguém a favor do nazismo, ainda mais no período de 1935 a 1938 em que o nacional-socialismo manifestava uma crescente hostilidade para com os intelectuais judeus e os opositores do regime? Ao revisar as provas em 1938, Stein teria tido tempo suficiente para desconsiderar esse apêndice.

O relacionamento entre Heidegger e Stein datava de 1931, ano em que ela lhe apresentara o manuscrito intitulado *Potenz und Akt* (*Potência e ato*) (2005a), composto para sua possível habilitação em Friburgo. Em uma carta de 25 de dezembro de 1931, Stein escreve sobre isso a seu amigo polonês Roman Ingarden nos seguintes termos:

Definitivamente tenho de defender os filósofos de Friburgo. Honecker, embora não me conhecesse, fez um grande esforço. Empenhou-se em vão para conseguir para mim uma bolsa de docente não titular no Ministério, discutindo por horas comigo e com Husserl. Como pessoas de uma certa idade, que não têm nenhum tipo de assistência, não serão mais aceitas pela Faculdade, acabou aconselhando-me a não submeter a solicitação para me poupar de uma recusa. Heidegger também foi muito gentil, mesmo quando me apresentou a situação como sem esperança. Ele era da opinião que um ano antes não teriam ocorrido dificuldades. Ficou com o meu trabalho [*Potenz und Akt*] para lê-lo e, recentemente, nós o discutimos por mais de duas horas, de modo muito estimulante e frutífero, pelo que sou muito grata (2005b, p. 225-226).

Se o percurso intelectual de Edith Stein está entrelaçado com o de Heidegger em 1931 pela leitura de *Potenz und Akt* e depois continuou até 1938 com *Endliches und Ewiges Sein*, como é possível que a aluna de Husserl não tenha considerado as eventuais implicações gravíssimas de Heidegger com o nacional-socialismo? Esses questionamentos nos auxiliam a esclarecer certos equívocos relacionados à polêmica que surgiu na Alemanha com a publicação da primeira coletânea dos “cadernos de trabalho” de Heidegger em 2014, baseada em leituras ideológicas que não condizem com uma análise cuidadosa das fontes como já mostramos com a publicação de *Martin Heidegger: la verità sui Quaderni neri* (*Martin Heidegger: a verdade sobre os Cadernos pretos*) (VON HERRMANN; ALFIERI, 2016).

As declarações sobre Heidegger e sua suposta colaboração com o nacional-socialismo acompanharam-no durante sua vida e permaneceram depois de sua morte. Mas vê-se que tais declarações não afetaram Stein, dado que ela escreve um apêndice no qual dialoga com Heidegger em sua obra *Endliches und ewiges Sein*. Analisando mais de perto, isso mostra que Stein mantém-se distante da conjectura que provocou um efeito cascata de alegações questionáveis sobre Heidegger, e que hoje sabemos pertencer a uma cultura perigosamente ideológica que tenta de várias maneiras neutralizar o seu pensamento.

Pareceu-nos oportuno, portanto, publicar aqui a carta que a Irmã Maria Amata Neyer enviou em 1978 a Hermann Heidegger, por ocasião da publicação de um artigo de Paul Shih-Yi Hsiao na *Erinnerung an Martin Heidegger (Memórias sobre Martin Heidegger)* (HSIAO, 1977, p. 119-129), o volume comemorativo publicado após a morte do filósofo. Sou muito grato a François Fédier por me ter enviado em 10 de setembro de 2018 uma cópia dessa carta, que eu já havia visto durante meu período de estudos no Arquivo Edith Stein em Colônia em 2008, esquecendo-me, no entanto, de fazer dela uma reprodução nessa ocasião. Na mensagem que acompanhava essa cópia, Fédier me escreveu:

No livro *Erinnerung an Martin Heidegger*, publicado após a morte de Heidegger por G. Neske, encontra-se um texto de um autor chinês que difunde algumas calúnias a respeito de Edith Stein. Na época, recebi da Sra. Elfriede Heidegger (que conhecia meu posicionamento em relação a todas essas histórias fraudulentas) uma cópia da carta da qual lhe anexo uma fotocópia. Trata-se de uma retificação de tais calúnias. Eu a envio ao senhor por saber que a pessoa e a obra de Edith Stein lhe são tão caras como a pessoa e a obra de Martin Heidegger.

A Irmã Amata Neyer ficou atônita ao ler a seguinte passagem no texto de Paul Shih-Yi Hsiao, trecho que reproduzo aqui na íntegra:

Fiquei sabendo por parentes e amigos da família alemã de minha esposa [...] da história de Edith Stein, que havia trabalhado com Heidegger sob <a supervisão de> Husserl. Ela havia escrito várias vezes a Heidegger para obter dele um certificado de emigração com o qual pudesse ser salva. Heidegger não lhe respondeu. Por fim, trajando o hábito das carmelitas, ela chegou a Friburgo para encontrá-lo pessoalmente. Não pôde atrever-se a entrar na universidade; lá a teriam reconhecido facilmente. Privadamente não a receberam; saiu sem ter conseguido nada. Suspeita-se que Heidegger nunca tenha recebido suas cartas e seus telegramas.

Com efeito, se não a freira judia, provavelmente a grande filósofa ele teria tentado ajudar (HSIAO, 1977, p. 122-123).

Tais rumores foram retificados em uma nota do editor Günther Neske com referência à passagem em questão, inserida no final do texto de Paul Shih-Yi Hsiao:

Nota do editor sobre as págs. 122-123:

Pesquisas aprofundadas mostraram que Edith Stein entrou no Carmelo de Colônia em outubro de 1933 e desse momento em diante não foi mais a Friburgo. No final de 1938 mudou-se para o Carmelo de Echt, na Holanda, o que na época ainda era legalmente possível e, em 1941/42, tentou sair da Holanda ocupada para chegar à Suíça neutra, mas não conseguiu fazê-lo. É altamente improvável, portanto, que tenha se dirigido a Martin Heidegger, mesmo por carta, com base nos fatos. Ao escrever o seu texto, o Prof. Dr. Paul Shih-Yi Hsiao baseou-se em informações de seus parentes em Friburgo que, nesse ínterim, faleceram. Por essa razão, não pôde mais, a pedido do editor, esclarecer os motivos que o levaram a relatar esse episódio claramente incorreto. Em sua última carta, de 18.10.1978, endereçada ao editor, ele fala novamente de sua grande reverência por Martin Heidegger (HSIAO, 1977, p. 129).

O relato de Paul Shih-Yi Hsiao sobre Stein não deixou a Irmã Maria Amata Neyer indiferente; ela redigiu uma carta a Hermann Heidegger, que na época era o administrador do legado de Martin Heidegger, compromisso posteriormente confiado por ele a seu filho Arnulf Heidegger. A Irmã Amata sentiu a necessidade de esclarecer com retidão que as declarações sobre Stein eram fantasiosas. A partir da leitura atenta de sua carta — reproduzida a seguir na íntegra — percebe-se que as declarações da Irmã Amata também libertam Heidegger de alegações semelhantes. Com efeito, no escrito de Paul Shih-Yi Hsiao, lê-se:

Considereei injusto o fato de que Gabriel Marcel tenha, posteriormente, ficado indignado com esse episódio [a passagem das p. 122-123 referentes à Stein e à falta de apoio da parte de Heidegger em lhe dar auxílio para a sua emigração]. Foi mais compreensível para mim a decepção do francês, profundo admirador de Heidegger, que, segundo ele, tinha obstinadamente se calado sem dizer sequer uma palavra sobre esse enigmático episódio de sua vida (HSIAO, 1977, p. 123).

Sr. Maria Amata Neyer OCD  
Karmel "Maria vom Frieden"  
Vor den Siebenburgen 6  
D - 5000 Köln 1

den 29. Juli 1978

Herrn  
Dr. Hermann Heidegger  
Attental 4  
7801 Stegen-Wittental

Sehr geehrter Herr Doktor!

Längst hätte dieser Brief geschrieben sein sollen, denn sein Anliegen liegt mir schwer auf der Seele.

Es handelt sich um das Buch "Erinnerung an Martin Heidegger", herg. von Günther Neske, Pfullingen 1977, näherhin um den Beitrag von Paul Shih-Yi Hsiao "Wir trafen uns am Holzmarkt", S. 119 ff. Ich beschränke mich hier auf den Abschnitt S. 122 unten "Von Verwandten und Freunden ..." bis S. 123 "...kein Wort über diese rätselhafte Episode seines Lebens verlauten ließ", weil diese Stelle unsere Mitschwester Edith Stein betrifft. Ich war beim Lesen dieses Textes aufs höchste bestürzt über solch unglaubliche Behauptungen, an denen nicht die Tatsachen entsprechen. Oder vielleicht doch? Die Vermutung z.B., Ihr Herr Vater habe Edith Steins hilfeschende Briefe und Telegramme nie zu Gesicht bekommen, ist zutreffend: derlei Briefe und Telegramme sind nie geschrieben, nie abgeschickt worden, sie haben nie existiert. Und daß Ihr Vater über "diese rätselhafte Episode" kein Wort verlauten ließ, ist ebenso glaubwürdig: diese "Episode" hat niemals stattgefunden. Ganz und gar rätselhaft ist aber, wie die "Episode" in ein Buch kommt, das offenbar den Anspruch erhebt, ernst genommen zu werden.

Schon der Anfang des Textes stimmt nicht; Edith Stein hat nicht "mit Heidegger unter Husserl" gearbeitet. Edith Stein kam 1916 nach Freiburg, als Ihr Herr Vater, der sich meines Wissens noch bei Rickert habilitiert hatte, schon Privatdozent war. Edith Steins Aufzeichnungen und die Erinnerungen Ihres Vaters stimmen darin überein - beides befindet sich in unserem Archiv, ist aber unabhängig von einander und zeitlich weit auseinanderliegend entstanden - daß sie sich in Husserls Privatwohnung in einem größeren Kreis geladener Gäste kennenlernten; sie scheinen sich bei ähnlichen Gelegenheiten noch einigemal getroffen zu haben. Eine nähere Zusammenarbeit hat zwischen ihnen nicht bestanden.

Edith Stein ist in den Kölner Karmel eingetreten im Oktober 1933. Sie siedelte in das Karmelitenkloster zu Echt/Holland über am 31. 12. 1938 und hat dazu weder ihres Vaters noch sonst jemandes Hilfe erbeten, sondern sie hat auf dem allgemein üblichen Weg ein Visum beantragt und erhalten und ebenso ganz legal die Grenze passiert. Edith Stein schrieb damals selbst, daß sie zu dieser Ausreise durch keinerlei äußeren Druck veranlaßt wurde - merkwürdigerweise ist ein solcher auf den Kölner Karmel auch später, zur Zeit des Nazi-Klostersturms, nicht ausgeübt worden - die Übersiedlung geschah rein prophylaktisch. Seit der entsetzlichen "Kristallnacht" ( 8./11. 38 ) hegte Edith Stein die Befürchtung, ihre Anwesenheit könne eines Tages den Mitschwestern Ungelegenheiten verursachen. Später hatte sie in Holland dieselben Besorgnisse, als die Niederlande von Deutschen besetzt wurden. Als Ende 1941 die nach Holland geflüchteten deutschen

"Nichtarier" für staatenlos erklärt und von den Gestapobehörden zur angeblichen Auswanderung registriert wurden, erwog sie eine weitere Ausreise in die Schweiz und wandte sich brieflich an eine Freundin ( an Hilda Verena Borsinger, Dr.jur., Luzern ) mit der Bitte um Auskünfte. Bekanntlich sind die rasch einsetzenden und umfassenden Rettungsversuche von Frau Dr. Borsinger - die im neutralen Ausland die Gefahr, in der Edith Stein schwebte, viel realistischer eingeschätzt hat als die Gefährdete selbst - gescheitert; eine ausführliche Dokumentation von Frau Dr. Borsinger befindet sich in unserem Archiv. Daß Edith Stein sich von Holland aus nicht nach Freiburg begeben konnte, wird jeder einleuchten.

Der Bericht von Prof. Hsiao verrät u.a. völlige Unkenntnis von Edith Steins Charakter und Situation. Sie lebte in einem kontemplativen Orden, dessen sehr strenge Klausurvorschriften sie aufs genaueste beobachtete. Sie hat - von einem kurzen Krankenhausaufenthalt abgesehen, - niemals ihr Kloster, geschweige die Stadt, verlassen. Da damals, als sie noch in Deutschland war, noch keine unmittelbare Gefahr für sie bestand, hätte sie weder vom Kirchenrecht her die Möglichkeit gehabt noch von ihrer Einstellung her sich entschließen können, nach Freiburg zu fahren. Wenn man Edith Stein einen Vorwurf machen will, dann könnte es nur der sein, daß sie viel zu unbesorgt war und später in Holland erst von andern genötigt werden mußte, etwas zu unternehmen. Auch aus anderen Einzelheiten ersieht der Kenner, daß die ganze Chose nicht stimmen kann: Edith Stein hätte die einen Menschen hilfesuchend aufgesucht, der auf vorherige Briefe und Telegramme nicht reagierte.

Kurzum: Die ganze Angelegenheit Heidegger-Stein auf S. 122f gehört ins Reich der Fama.

Ich darf Sie noch bitten, Ihre Frau Mutter, für die diese Sache besonders schmerzlich sein muß, herzlich zu grüßen und sie unseres Gedenkens zu versichern.

Seien auch Sie aufrichtig begrüßt von Ihrer

*So. Maria Anna von Neys O.C.D.*

Wenn Sie es wünschen, können Sie diesen Brief auch anderen zugänglich machen.

*So. Th. A. Neys*

Tradução da carta da Irmã Amata a Hermann Heidegger:

Ir. Maria Amata Neyer OCD  
Karmel “Maria vom Frieden”  
Vor den Siebenburgen 6  
D — 5000 Köln 1

29 de julho de 1978.

Dr. Hermann Heidegger  
Attental 4  
7801 Stegen-Wittental

Prezado Doutor!

Esta carta deveria ter sido escrita há muito tempo, pois pesa em minha alma uma grande inquietude sobre este assunto.

Trata-se do livro *Erinnerung an Martin Heidegger*, publicado por Günther Neske (Pfullingen, 1977), mais especificamente, da contribuição de Paul Shih-Yi Hsiao *Wir trafen am Holzmarkt*, p. 119 ss. Restrinjo-me aqui ao trecho da p. 122, abaixo de “parentes e amigos...” até a p. 123, “...sem dizer sequer uma palavra sobre esse enigmático episódio de sua vida”, pois essa passagem diz respeito à nossa irmã Edith Stein. Ao ler esse texto, fiquei consternada com as inacreditáveis afirmações, que em *nada* correspondem aos fatos. Ou talvez sim? Por exemplo, a alegação de que seu pai nunca tenha posto os olhos nas cartas e telegramas de Edith Stein pedindo ajuda é verdadeira: tais cartas e telegramas nunca foram escritos ou enviados, eles nunca existiram. E que seu pai nada tenha dito sobre “esse enigmático episódio” é igualmente crível: esse “episódio” nunca aconteceu. É totalmente intrigante, no entanto, que o “episódio” tenha entrado em um livro que aparentemente tem a pretensão de ser levado a sério.

Já no início o texto está incorreto: Edith Stein não trabalhou “com Heidegger sob <a supervisão de> Husserl”. Edith Stein chegou a Friburgo em 1916, quando seu pai, até onde sei, concluiu sua habilitação em Rickert e já era *Privatdozent*. As anotações de Edith Stein e as memórias de seu pai — ambas estão em nosso arquivo, mas têm origens independentes umas das outras, pertencendo a épocas diferentes, distantes entre si — confirmam que eles chegaram a se conhecer na casa de Husserl em um grande círculo de convidados. Eles parecem ter se encontrado mais algumas vezes em ocasiões semelhantes. Não houve uma colaboração mais estreita entre eles.

Edith Stein ingressou no Carmelo de Colônia em outubro de 1933. Em 31 de dezembro de 1938 mudou-se para o Carmelo de Echt, na Holanda, e não pediu ajuda a seu pai nem a ninguém; solicitou um visto de maneira usual e igualmente cruzou a

fronteira de modo totalmente legal. A própria Edith Stein escreveu na época que não fora induzida a fazer tal transferência por qualquer pressão externa — estranhamente, nenhuma pressão foi exercida nem mesmo no Carmelo de Colônia mais tarde, na época do ataque nazista ao Carmelo —; a transferência foi por pura precaução. Após a terrível Noite dos Cristais (8-9.11.1938), Edith Stein temia que sua presença pudesse causar transtornos para as irmãs algum dia. Mais tarde, ela teve as mesmas preocupações na Holanda, quando foi ocupada pelos alemães. Quando, no final de 1941, os “não-arianos” alemães foragidos na Holanda [p. 2] foram declarados apátridas e registrados pelas autoridades da Gestapo por suposta emigração, Stein pensou em uma nova transferência para a Suíça e dirigiu-se por carta a uma amiga (Hilda Verena Borsinger, Dra. Jur., Lucerna) solicitando informações. É bem sabido que as tentativas de resgate, rápidas e abrangentes, da Dra. Borsinger — que, naquele país estrangeiro neutro, avaliava o perigo em que Edith Stein se encontrava de modo muito mais realista do que a própria Edith Stein — não se concretizaram; a documentação detalhada da Dra. Borsinger encontra-se em nosso arquivo. É evidente para todos que Edith Stein não poderia deslocar-se da Holanda para Friburgo.

O relato do prof. Hsiao revela, entre outras coisas, a total ignorância do caráter e da situação de Edith Stein. Ela vivia em uma ordem contemplativa, cujas regras rigorosíssimas de claustro observava muito escrupulosamente. Além de uma curta internação no hospital, ela nunca deixou seu Carmelo, muito menos a cidade. Já que não havia perigo iminente para ela naquela época, quando ainda estava na Alemanha, ela não teria tido a possibilidade de ir a Friburgo nem pelo direito canônico nem por sua posição. Se se quisesse repreender Edith Stein por algo, poderia ser apenas pelo fato de que ela estava um tanto despreocupada e, mais tarde, na Holanda, teve de ser persuadida por outros a fazer algo. Alguém versado no assunto conclui também por outros detalhes que o caso como um todo não pode estar correto: Edith Stein nunca teria procurado a ajuda de uma pessoa que não lhe tivesse respondido a cartas e telegramas anteriores.

Em suma: todo esse assunto sobre Heidegger e Stein na p. 122-123 pertence ao reino da fantasia.

Gostaria de lhe pedir que dirija minhas lembranças e minhas mais calorosas saudações à sua mãe, para quem esse assunto deve ser particularmente penoso.

Saudações para o senhor também,

Ir. Maria Amata Neyer O. C. D.

Se desejar, pode disponibilizar esta carta também para outras pessoas.

Ir. M. A. Neyer

O testemunho da Irmã Amata nos ajuda a esclarecer muitos mal-entendidos, não apenas sobre alguns aspectos da vida de Edith Stein, mas também no que diz respeito a Heidegger. Vale sempre a regra de que, quando o que está escrito não é bem fundamentado, deparamo-nos com preconceitos, que contribuem para a distorção da história a ponto de falsificá-la. Muitas dessas falsificações são sustentadas ainda hoje por muitos acadêmicos com relação a Heidegger, e isso nos dá a medida do abismo a que conduz a desonestidade intelectual: uma sistemática “erradicação do pensamento”.

Após o testemunho da Irmã Amata, gostaria de concluir estas reflexões com uma carta que a fenomenóloga Hedwig Conrad-Martius, aluna de Husserl em Gotinga e madrinha de batismo de Edith Stein, enviou a Heidegger em 1947. Em 2006, comecei a dedicar parte dos meus estudos a Conrad-Martius, cuja produção, abundante e original, abrange vastas áreas de investigação, o que a torna uma figura complexa e de difícil abordagem.<sup>10</sup> Minhas pesquisas foram realizadas diretamente sobre os escritos de Conrad-Martius na *Bayerische Staatsbibliothek* em Munique, graças aos conhecimentos de um de seus primeiros discípulos, Eberhard Avé-Lallemant, que supervisionou a reorganização da obra de Conrad-Martius e de outros fenomenólogos ligados ao Círculo de Munique, como Alexander Pfänder, Max Scheler, Johannes Daubert, Moritz Geiger, Theodor Conrad, Adolf Reinach, Maximilian Beck, Herbert Leyen-decker, Hans Lipps e Herbert Spiegelberg.<sup>11</sup>

Conrad-Martius pediu auxílio a Heidegger para conseguir um cargo de docente e, mesmo que a tentativa tenha sido frustrada, essa carta é uma amostra de que os discípulos de Husserl mantinham contato com Heidegger não apenas do ponto de vista científico, mas sobretudo do ponto de vista intelectual. A partir de abril de 1949, Conrad-Martius leciona Filosofia da Natureza na Universidade de Munique; nesse

---

<sup>10</sup> A esse respeito, permito-me remeter aos meus escritos: *Hedwig Conrad-Martius: A Philosophical Hierarchy Illustrated by Eberhard Avé-Lallemant* (2008); *Natureza, espírito e ancoragem ôntica segundo a obra O ser de Hedwig Conrad-Martius: uma questão aberta* (2017); e, para uma visão global dos escritos de Conrad-Martius, *Nota bio-bibliográfica di Hedwig Conrad-Martius* (2010).

<sup>11</sup> Além disso, Avé-Lallemant realizou os trabalhos preliminares e parte da reorganização dos legados de Gerda Walther, Arnold Metzger, Aloys Fischer e Dietrich von Hildebrand. Hans Eberhard August Avé-Lallemant conheceu Hedwig Conrad-Martius ao frequentar as suas aulas na Universidade Estatal de Munique. A partir de abril de 1958, ele se tornou seu colaborador científico, encarregado da *Deutsche Forschungsgemeinschaft* e, assim, pôde acessar os manuscritos inéditos da autora. Em 1959, obteve seu doutorado em Munique com a tese *Der kategoriale Ort des Seelischen in der Naturwirklichkeit* e a partir de 1973 foi *Privatdozent* de Filosofia fenomenológica na Universidade de Munique. Com a morte de Conrad-Martius, a *Bayerische Staatsbibliothek* confiou-lhe a tarefa de ordenar e catalogar o legado da autora (cf. AVÉ-LALLEMANT, 1975). Sou muito grato ao falecido Avé-Lallemant por me ter possibilitado o livre acesso a toda a obra de Conrad-Martius, da qual reproduzo aqui sua carta a Heidegger.

momento, entretanto, não lhe era mais possível desenvolver uma carreira universitária regular, pois a fenomenóloga já havia ultrapassado o limite de idade para obter a habilitação. Em 1955 ela se torna professora honorária da Universidade de Munique.

*An Heidegger*  
Arnstorf (Ndbay) d. 27. Okt. 47

Sehr verehrter Herr Professor! zu der ich  
Darf ich mich heute mit einer Frage an Sie wenden, ~~die~~ durch eine  
Bemerkung in einem Brief von Dr. Schwenninger-Wiesloch ~~angeregt~~  
angeregt worden bin. Vor einiger Zeit wurde mir von massgebender Seite  
mitgeteilt, dass ich evt. einen Lehrauftrag bzw. eine Honorarprofessur  
in München oder Erlangen erhalten könnte. Die Sache wird, soviel ich  
weiss, augenblicklich in den btr. Fakultäten besprochen. Ich möchte  
Sie fragen, wie wohl die Verhältnisse in Freiburg liegen. Dr. Schwenninger  
schrieb mir, ~~das~~ Sie hätten sich dahin geäußert, dass ich möglicher-  
weise ~~auch dorthin~~ einen Lehrauftrag erhalten könnte. Es wäre für mich  
sehr wünschenswert, nun endlich in eine feste akademische Position zu  
gelangen, nachdem diesbezügliche Pläne, die nahe an der Verwirklichung  
waren, durch die Verhältnisse vor und während des Krieges gescheitert  
sind. In München scheint augenblicklich eine Philosophen-Inflation zu  
bestehen, sodass für dort nur eine Honorarprofessur in Betracht käme.  
Mit Prof. Max Müller (Freiburg) habe ich bisher nur in einer kurzen brief-  
lichen Beziehung gestanden; nachdem er mich zur Mitherausgabe des  
"Symposion" einlud. Ich wäre Ihnen dankbar, wenn Sie mir in der ~~Sache~~  
Sache einen Rat geben könnten.

*7.10.47  
aus Heidegger*

Ich hörte, ~~das~~ von Herrn Schwenninger, dass Sie gerne im Besitz  
meines Buches "Der Selbstaufbau..." wären. ~~Gerebenerfalls~~ könnte ich  
es Ihnen durch meinen Verleger beschaffen.

Mit freundlichen Grüßen  
Ihre

Arnstorf (Ndbay) d. 27. Okt. 47

*An Heidegger*<sup>12</sup>

Sehr verehrter Herr Professor!

Darf ich mich heute mit einer Frage an Sie wenden, zu der ich durch eine  
Bemerkung in einem Brief von Dr. Schwenninger-Wiesloch angeregt worden bin.  
Vor einiger Zeit wurde mir von maßgebender Seite mitgeteilt, dass ich evt. einen  
Lehrauftrag bzw. eine Honorarprofessur in München oder Erlangen erhalten könnte.  
Die Sache wird, soviel ich weiss, augenblicklich in den btr. Fakultäten besprochen. Ich  
möchte Sie fragen, wie wohl die Verhältnisse in Freiburg liegen. Dr. Schwenninger  
schrieb mir, Sie hätten sich dahin geäußert, dass ich möglicherweise ~~auch dorthin~~  
~~einen Lehrauftrag~~ *in Freiburg eine Professur*<sup>13</sup> erhalten könnte. Es wäre für mich sehr  
wünschenswert, nun endlich in eine feste akademische Position zu gelangen, nachdem  
diesbezügliche Pläne, die nahe an der Verwirklichung waren, durch die Verhältnisse  
vor und während des Krieges gescheitert sind. In München scheint augenblicklich

<sup>12</sup> Anotação adicionada à mão.

<sup>13</sup> Adicionado à mão na margem esquerda da carta.

eine Philosophen-Inflation zu bestehen, sodass für dort nur eine Honorarprofessur in Betracht käme. Mit Prof. Max Müller (Freiburg) habe ich bisher nur in einer kurzen brieflichen Beziehung gestanden; ~~nachdem~~ er *lud*<sup>14</sup> mich zur Mitherausgabe des “Symposion” einlud. Ich wäre Ihnen dankbar, wenn Sie mir in der Sache einen Rat geben könnten.

Ich hörte von Herrn Schwenninger, dass Sie gerne im Besitz meines Buches “Der Selbstaufbau...” wären. ~~Gegebenenfalls könnte~~ *Wünschen Sie, dass*<sup>15</sup> ich es Ihnen durch meinen Verleger beschaffen?

Mit freundlichen Grüßen  
Ihre <Hedwig Conrad-Martius>

\* \* \*

Arnstorf (Ndbay) 27.out.47

Prezado Professor!

Permita-me lhe dirigir uma pergunta, para a qual fui instigada por uma observação em uma carta do Dr. Schwenninger-Wiesloch. Há algum tempo, fui informada por uma pessoa influente que eu poderia eventualmente conseguir um cargo de professora resp. ou uma cadeira honorária em Munique ou Erlangen. Pelo que sei, o assunto está sendo discutido nas duas faculdades neste momento. Gostaria de lhe perguntar como está a situação em Friburgo. O Dr. Schwenninger me escreveu sugerindo que eu poderia talvez conseguir uma cátedra em Friburgo. Seria muito desejável para mim conseguir finalmente uma posição acadêmica segura depois que os planos a esse respeito, que estavam perto de se concretizar, fracassaram em razão das condições anteriores à guerra e ao longo dela. Em Munique, parece haver uma profusão de filósofos no momento, de modo que lá poderia ser considerada apenas uma cadeira honorária. Até agora, tive somente uma breve correspondência com o professor Max Müller (Friburgo); ele me convidou a coeditar o *Symposion*. Eu ficaria muito grata se o senhor pudesse me dar alguns conselhos sobre esse assunto.

Soube pelo Sr. Schwenninger que gostaria de um exemplar do meu livro *Der Selbstaufbau...* Gostaria que eu o conseguisse com o meu editor?

Com os melhores cumprimentos,  
<Hedwig Conrad-Martius>

---

<sup>14</sup> Correção inserida à mão.

<sup>15</sup> Correção inserida à mão.

A meu ver, os testemunhos acima contribuem para reconstruir o percurso existencial e teórico tanto de Edith Stein como de Martin Heidegger; eles não só desvelam os firmes laços que as duas fenomenólogas tinham com o filósofo, como também destacam a importância das relações na constituição de uma comunidade de pesquisa. Nesse sentido, o roteiro do filme de Sinclair mostra claramente que a fundação de uma comunidade empática se consolida com as relações e com a responsabilidade *daqueles que buscam a Verdade*, alcançada somente por meio de um rigoroso caminho de pesquisa. Com efeito, a verdadeira pesquisa tem em si todos os componentes que possibilitam a abertura a relações e conhecimentos autênticos.

## REFERÊNCIAS

- ALFIERI, F. **Die Rezeption Edith Steins**: Internationale Edith-Stein-Bibliographie 1942-2012. Festgabe für M. Amata Neyer OCD. Würzburg: Echter, 2012.
- ALFIERI, F. Gli inediti su Edith Stein aprono un nuovo orizzonte di ricerca: una ricognizione dei carteggi privati di H. Conrad-Martius, H.-L. Van Breda e A.-T. Tymieniecka. In: MANGANARO, P.; NODARI, F. (Ed.). **Ripartire da Edith Stein**: la scoperta di alcuni manoscritti inediti. Prefazione di L. Boella. Brescia: Morcelliana, 2014. p. 431-462. (Quaderni per l'Università, 5).
- ALFIERI, F. Hedwig Conrad-Martius: A Philosophical Heredity Illustrated by Eberhard Avé-Lallemant. **Axiomathes**, Califórnia, v. 18, n. 4, p. 515-531, out./dez. 2008.
- ALFIERI, F. L'ancoraggio ontico tra "Natura" e "Spirito" nel Das Sein di H. Conrad-Martius: una questione aperta. In: BACCARINI, E. et al. (Ed.). **Persona, logos, relazione**: una fenomenologia plurale. Scritti in onore di Angela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 2011. p. 346-362. Trad. port.: Natureza, espírito e ancoragem ôntica segundo a obra O ser de Hedwig Conrad-Martius: uma questão aberta. Trad. de Clio Tricarico. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. (Org.). **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017, p. 61-78.
- ALFIERI, F. Nota bio-bibliografica di Hedwig Conrad-Martius. In: ALES BELLO, A.; ALFIERI, F.; SHAHID, M. (Ed.). **Edith Stein — Hedwig Conrad-Martius**: Fenomenologia, metafisica, scienze. Bari: Giuseppe Laterza, 2010. p. 463-483.
- AVÉ-LALLEMANT, E. (Hrsg.). **Die Nachlässe der Münchener Phänomenologen in der Bayerische Staatsbibliothek**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975, p. 193-256. (Catalogus codicum manu scriptorum Bibliothecae regiae Monacensis, Tomus X, Pars I).
- AVITABILE, L. Fenomenologia giuridica e comunità nell'opera di Edith Stein. In: AVITABILE, L.; BARTOLI, G.; CANANZI, D. M.; PUNZI, A. (Ed.). **Percorsi di fenomenologia del diritto**. Torino: Giappichelli, 2007. p. 1-56.
- AVITABILE, L. **Interpretazione del formalismo giuridico in E. Stein**. Torino: Giappichelli, 2012.
- AVITABILE, L. **Per una fenomenologia del diritto nell'opera di Edith Stein**. Roma: Nuova Cultura, 2006.
- AVITABILE, L. Sullo Stato di diritto in Edith Stein. **Aquinas**, Roma, n. 59, p. 315-326, dez. 2016.
- GHIGI, N. **L'etica fenomenologica di Edith Stein**: dalla vita emotiva all'individuo comunitario. Roma: Fattore Umano Edizioni, 2021.
- HSIAO, P. S.-Y. Wir trafen am Holzmarkt. In: NESKE, G. **Erinnerung an Martin Heidegger**. Pfullingen: Neske, 1977.

MATTHIAS, U. A. A importância de De ente et essentia para Ser finito e ser eterno de Edith Stein. In: Nilo César Batista da Silva (Org.). **Verdade, saber e poder na filosofia da Idade Média**. Curitiba: CRV, 2019. p. 129-148.

MATTHIAS, U. A. Freiheit und Gnade in der Religionsphilosophie Edith Steins. In: KLUETING, H.; KLUETING, E. (Ed.). **Edith Stein's Itinerary**: Phenomenology, Christian Philosophy and Carmelite Spirituality. Muenster: Aschendorff Verlag, 2020. p. 291-300. (Schriften des Forschungsinstituts der Deutschen Provinz der Karmeliten, Band 4).

SANTOS, G. L. Edith Stein e Martin Heidegger: aspectos de uma confrontação metafísica. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 29-39, dez. 2014.

SANTOS, G. L. **Tempo ético e tempo histórico**: a apropriação heideggeriana do Kairós como Augenblick. Saarbrücken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

SAVIAN FILHO, J. A Trindade como arquétipo da pessoa humana: a inversão steiniana da analogia trinitária. **TQ-Teologia em Questão**, Taubaté, n. 30, p. 293-315, dez. 2016.

SAVIAN FILHO, J. De que falamos quando falamos de alma? Fundamentos da descrição da vida psíquica, por Edith Stein. In: MAHFOUD, M. (Org.). **Psicologia com alma**: a fenomenologia de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2019. p. 19-58.

SAVIAN FILHO, J. Experiência mística e filosofia em Edith Stein. **Kairós**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 173-187, dez. 2011.

SAVIAN FILHO, J. **O toque do Inefável**: apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein. Bauru: EDUSC, 2000.

SAVIAN FILHO, J. Sentido e possibilidade de uma filosofia cristã segundo Edith Stein. **Coletânea**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 213-230, out./dez. 2003.

SINCLAIR, J. **Edith Stein**: una rosa d'inverno. Org. Francesco Alfieri. Pref. F.-W. von Herrmann. Brescia: Scholé-Morcelliana, 2019. (Orso Blu, 139).

SINCLAIR, J. L'“empatia” nella produzione di un mio nuovo film su Edith Stein: A Rose in Winte. In: MANGANARO, P.; NODARI, F. (Ed.). **Ripartire da Edith Stein**: la scoperta di alcuni manoscritti inediti. Prefazione di L. Boella. Brescia: Morcelliana, 2014, p. 395-409. (Quaderni per l'Università, 5).

STEIN, E. Brief 9.XII.1938. In: STEIN, E. **Selbstbildnis in Briefen II**: Zweiter Teil: 1933-1942. Einleitung v. H.-B. Gerl-Falkovitz, Bearbeitung und Anmerkungen v. M. A. Neyer, 2. Auflage durchgesehen und überarbeitet v. H.-B. Gerl-Falkovitz. Freiburg-Basel-Wien: Herder 2006b. (ESGA 3).

STEIN, E. **Eine Untersuchung über den Staat**. Einleitung, Bearbeitung und Anmerkungen von I. Riedel-Spangenberg. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 2006c. (ESGA 7).

STEIN, E. **Endliches und ewiges Sein**: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins. Hrsg. v. L. Gelber u. R. Leuven. Louvain-Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1950, 1962, 1986. (ESW II).

STEIN, E. **Endliches und ewiges Sein**: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins. Anhang: Martin Heideggers Existenzphilosophie — Die Seelenburg, eingeführt und bearbeitet v. A.U. Müller. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 2006a. (ESGA 11-12).

STEIN, E. **Potenz und Akt**: Studien zu einer Philosophie des Seins. Eingeführt und bearbeitet v. H.R. Sepp. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 2005a. (ESGA, 10).

STEIN, E. **Selbstbildnis in Briefen III**: Briefe an Roman Ingarden. Einleitung v. H.-B. Gerl-Falkovitz, Bearbeitung und Anmerkungen v. M. A. Neyer, Fußnoten mitbearbeitet v. E. Avé-Lallemant. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 2005b. (ESGA 4).

TRICARICO, C. **A identidade pessoal sob as perspectivas fenomenológicas de Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius**: um estudo sobre a essência singular do indivíduo humano. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) — Programa de Pós-graduação em Filosofia da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

TRICARICO, C. Die menschliche Seele in der Sicht Edith Steins: ein Vergleich mit Hedwig Conrad-Martius' Begriff der Seele. In: **Edith Steins Herausforderung heutiger Anthropologie**: Internationalen Konferenz 23.-25. Oktober 2015 in Wien und Heiligenkreuz, 2017, Wien und Heiligenkreuz. Edith Steins Herausforderung heutiger Anthropologie: Akten der Internationalen Konferenz 23.-25. Oktober 2015 in Wien und Heiligenkreuz. Heiligenkreuz: Be&Be-Verlag, 2017, p. 174-187.

VON HERRMANN, F.-W.; ALFIERI, F. (Hrsg.). **Martin Heidegger**: la verità sui Quaderni neri. Premessa di A. Heidegger. Brescia: Morcelliana, 2016. Trad. alemã: **Martin Heidegger**: die Wahrheit über die Schwarzen Hefte. Deutsche Übers. von P. David. Berlin: Duncker & Humblot, 2017. Trad. francesa: **Martin Heidegger**: la vérité sur ses Cahiers noirs. Traduit de l'italien et de l'allemand par P. David. Paris: Gallimard, 2018. Trad. Espanhola: **Martin Heidegger**: la verdad sobre los Cuadernos negros. Traducción del italiano y del alemán realizada por P.J. Teruel, revisión de la traducción llevada a cabo por D. Hereza. Albolote (Granada): Comares, 2019. Trad. Romena: **Martin Heidegger**: Adevărul despre Caietele Negre (Epoché). Prefață de Arnulf Heidegger, Postfață de Hermann Heidegger. Traducere de P. G. Sandu, D. Grusea, A. Bejinariu. Oradea (România): Ratio et Revelatio, 2021.

VONGEHR, T. „Der liebe Meister“: Edith Stein über Edmund und Malvine Husserl. In: GOTTSTEIN, D.; SEPP, H. R. (Hrsg.). **Polis und Kosmos**: Perspektiven einer Philosophie des Politischen und einer philosophischen Kosmologie. Eberhard Avé-Lallemant zum 80. Geburtstag. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2008. (Orbis Phaenomenologicus. Perspektiven, 16).